

Paganismo e Cristianismo no Poema Beowulf

Prof. Ms. João Bittencourt de Oliveira

Departamento de Línguas e Literatura (IAP/UERJ)
João.bittencourt@bol.com.br

Resumo

O poema épico *Beowulf* é considerado a mais antiga epopeia sobrevivente em qualquer outra língua europeia. É também o mais extenso fragmento da literatura de imaginação em inglês antigo ou anglo-saxão e foi composto durante o século VII ou VIII por um talentoso poeta anônimo anglo, provavelmente um monge ou clérigo, que conseguiu mesclar fatos da história escandinava e mitologia pagã com elementos cristãos. O poema se refere a acontecimentos semi-históricos de um passado distante que pode ser datado do ano 520 aproximadamente, já que muitas pessoas citadas nos são conhecidas de outras fontes; fala dos reis e heróis escandinavos e de suas contendas. A ação envolve não somente os Anglo-Saxões, mas também algumas tribos do norte, principalmente os Suiões, os Getas, os Frísios e os Daneses. O poema, entretanto, é genuinamente *inglês* em espírito: ele nos mostra cenas da vida real, não da Escandinávia do século VI, mas da Inglaterra do século VII ou VIII. Através da história, a figura nobre e impressionante de Beowulf representa de maneira clara o ideal heroico anglo-saxônico de bravura, generosidade e coragem; nele, o fatalismo pagão ou o destino está engenhosamente harmonizado com as qualidades cristãs. O presente trabalho é uma tentativa de examinar a combinação entre os conceitos pagãos e o Cristianismo demonstrados em *Beowulf*.

Palavras-chave: Beowulf; Cristianismo e Paganismo; Epopéia Anglo-Saxônica

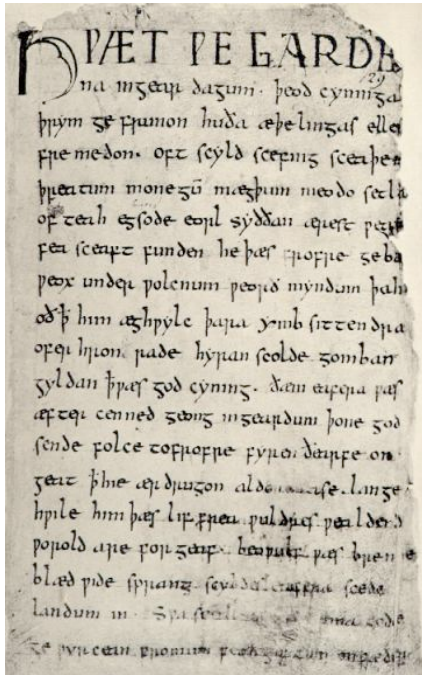
Abstract

The epic poem *Beowulf* is generally considered the oldest surviving epic in any other European language. It is also the longest piece of imaginative literature in Old English or Old Saxon and was composed during the seventh or eighth century by a gifted anonymous Anglian poet, probably a monk or a cleric, who succeeded in fusing Scandinavian history and pagan mythology with Christian elements. The poem refers to semi-historical events from a distant past which can be dated roughly to 520, since many of the persons referred to are known to us from other sources; it tells of Scandinavian kings and heroes and their feuds. The action involves not only Anglo-Saxons but also a few northern tribes, mainly Swedes, Geats, Frisians, and Danes. The poem, however, is genuinely *English* in spirit: it shows us scenes of real life, not in the 6th century Scandinavia, but in 7th or 8th century England. Through the story, the impressive and noble figure of Beowulf clearly represents the Anglo-Saxon heroic ideal of fighting prowess, generosity, and courage; in him, pagan fatalism or destiny is subtly harmonized with Christian qualities. The present paper is an attempt to examine the combination between pagan concepts and Christianity demonstrated in *Beowulf*.

Keywords: Beowulf; Paganism and Christianity; Anglo-Saxon Epics

1. Introdução

Não se sabe ao certo quando o poema anglo-saxônico *Beowulf* foi composto, como foi criado, nem quando exatamente foi redigido na forma final. Milagrosamente preservado por mais de doze séculos, sua importância literária, histórica e cultural era praticamente ignorada até a publicação de um magistral ensaio de J. R. R. Tolkien (conhecido pelo *Senhor dos Anéis*), intitulado '*Beowulf*': *The Monster and the Critics* (1936). Conhece-se do poema um único manuscrito datado do ano 1000 e que faz parte da *Cattonian Collection* do Museu Britânico. Esse único manuscrito, entretanto, não



possuía nenhum título até 1805, quando foi intitulado *Beowulf* e foi publicado pela primeira vez em 1815. *Beowulf* é hoje considerado o mais importante manuscrito que nos legaram os Anglo-Saxões¹, quer por seus valores linguísticos, quer por seus valores poéticos.²

Figura 1. Primeira página do único manuscrito do poema *Beowulf*. Pode-se observar como as bordas estão esfarrapadas e a página escurecida pela fumaça devido a um incêndio no século XVII. Fonte: Pooley 1968: 22.

Quanto ao estilo e a versificação, *Beowulf* pertence à tradição heroica herdada dos povos germânicos. Prevalece no poema o tom solene, característico das epopeias clássicas como a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio. De modo semelhante, *Beowulf* descreve alguns eventos heróicos na vida de um único indivíduo. Através de uma análise da vida desse herói, o poeta épico procura refletir a história de seu tempo. Para esse mister, ele se vale de vários artifícios estilísticos como, por exemplo, os epítetos, expressões idiomáticas típicas do anglo-saxônico, sinônimos, hipônimos, lítotes, aliterações etc. Associadas a esses elementos, o poema apresenta também o emprego recorrente das *kennings*.³ No texto original, no meio de cada linha há uma cesura bem demarcada por um espaço em branco; a disposição de determinado número de sílabas tônicas determina a distribuição das aliterações nas duas metades dos versos (Borges; Vazquez 2000: 17).

Os valores éticos são visivelmente o código germânico de lealdade aos chefes e suas tribos e a vingança aos inimigos – reais ou imaginários. Contudo, o poema apresenta, como veremos, um elo entre duas tradições: a pagã e a cristã.

2. O espaço geográfico e o contexto de *Beowulf*

2.1 As tribos germânicas do norte

Embora tenha sido escrito na Inglaterra, o poema não se ocupa especificamente da sociedade anglo-saxônica: todos os feitos e aventuras fabulosos são ambientados na Escandinávia, especialmente na região dos *Getas*, *Suiões*, *Frisios* e *Daneses*⁴, onde atualmente se encontram a Suécia e a Dinamarca. A época é a Alta Idade Média, entre 500 e 700 d.C.

Os Getas eram, conforme o poema, o clã de Beowulf – uma tribo de navegantes que habitava Götland (Gotlândia) no sul da atual Suécia. Ainda pelo que o poema sugere, os Getas parecem ter sido conquistados por outros povos e desaparecido ao longo da história. Esses Getas navegantes parecem ser os “Daneses” invasores de quem o Bispo Gregório de Tours (c. 538-594) fala em sua obra *Historia Francorum* (“História dos Francos”), fazendo referência a um ataque por Chlochilaicus (identificado como Hygelac) contra os Francos em 521. Essa batalha, em que morre Hygelac, é sucintamente descrita na segunda parte do poema (vv. 2268-2274). Esse episódio talvez seja o único no poema que pode ser considerado um fato histórico (Warsh 1984: 23). O poema, portanto, não poderia ter sido composto antes dessa data, e os fatos históricos descritos devem ter ocorrido no século VI ou mesmo antes. Os Getas são também identificados como os *Guð-Geatas* (“Getas-da-Guerra”, v. 1538); os *Sæ-Geatas* (“Getas-do-Mar”, v. 1850); e os *Weder-Geatas* (“Getas-do-Tempo”, v. 1492).

Os Suiões, no poema, *Swēona* (v. 2472), eram um povo lendário que habitava o norte dos lagos Vänern e Vättern na atual Suécia, portanto, ao norte dos Getas. Os Suiões são também identificados como: *Scylfingas* (“Filhos de Scylf”, v. 3005); *Arscyldinga* (“Suiões-da-Honra”, vv. 464 e 1710); *Guð-Scylfingas* (“Suiões-da-Guerra”, v. 2927); e *Heaðo-Scylfingas* (“Suiões-da-Guerra”, v. 2205); *þeodscyldingas* (“Povos dos Suiões”, v. 1019); *Sigescyldinga* (“Suiões-da-Vitória”, vv. 597 e 2004). Cf. o inglês-saxônico *Scylding* (plural *Scyldingas*) e o norueguês antigo *Skjöldung* (plural *Skjöldungar*), termo derivado de um rei mítico Scyld/Skjöld (literalmente: *shild* “escudo”). Aparece nas primeiras linhas do poema, onde é identificado como *Scyld Scefing*, isto é, “descendente de Scyld”. Após descrever as glórias do reino de Scyld, o poeta descreve seu funeral, como seu corpo foi estendido num navio rodeado de tesouros (vv. 53-85).

Os Frísios ou Frisões são mencionados pelo historiador romano Tácito (55-120 d.C.), em sua obra *De Origine et situ Germanorum* (“Sobre a origem e posição da Germânia”), escrita por volta de 98 d.C.. Tratava-se, ao que tudo indica, de um povo de marinheiros – o Mar do Norte, da Bretanha até o leste da Dinamarca, chamava-se à época *Mare Frisia*. No poema, a primeira referência a esse povo ocorre no verso 1070 como *Freswæle* (“campo frísio”). Depois aparece em algumas combinações, como *Frescyninge* (“Rei dos Frísios”, v. 2503); *Fryslanð*, *Freslonðum* e *Fresna land* (“Terra dos Frísios”, vv. 1126, 2357 e 2915); e por fim sob várias formas conforme os casos gramaticais, para se referir aos Frísios, como *Frysna* (v. 1104), *Fresena* (v. 1093), *Fresna* (v. 1915), *Frysum* (vv. 1207 e 2912).

Os Daneses eram os antigos povos da Dinamarca. No poema, é o povo de Hrothgar. Supõe-se que Heorot de Hroðgar se localizava na ilha de Sjaelland, próximo à atual cidade de Roskilde. A linhagem dos Scyldings é conhecida através de fontes escandinavas e anglo-saxônicas; o rei anglo-saxônico Cnut, que reinou entre 1016 e 1042 (período que coincide com a composição do poema), é provavelmente descendente dessa linhagem. No poema, os Daneses são também identificados como: *Dena* (“Daneses”, v. 253); *Beorht-Dena* (“Daneses Reluzentes”, v. 427); *Gar-Dena* (“Daneses das Lanças”, v. 1856); *Hring-Dena* (“Daneses dos Anéis”, v. 116); *East-Dena*,

(“Daneses do Leste”, v. 392); *Norð-Dena* (“Daneses do Norte”, v. 616), *Suð-Dena* (“Daneses do Sul”, v. 463); *West-Dena* (“Daneses do Oeste”, v. 383); *Scyldingas* (“Filhos de Scyld”, v. 1601); ou *Ingwina*⁵ (“Amigos de Ing”, v. 1044).



Escavações arqueológicas revelam as tumbas de Ongenþeow, temível guerreiro, sepultado entre 510 e 515 e de seu neto Eadgils, sepultado em 575. Note-se que esses acontecimentos coincidem com os eventos descritos em *Beowulf*.

Figura 2. A Geografia de *Beowulf*. Fonte: *Beowulf: an edition with relevant shorter texts* (edited by) Bruce Mitchell and Fred C. Robinson (1998: xiii)

O mapa acima apresenta a região da Europa Setentrional onde habitavam os povos de *Beowulf*. Note-se que a área onde se encontram os Getas e os Suiões faz parte da atual Suécia; já a área onde se encontram os Daneses e os Jutos corresponde à moderna Dinamarca. Os Jutos, juntamente com os Anglos, os Saxões e os Frísios, migraram através do Mar do Norte para atacar de surpresa e finalmente invadir as Ilhas Britânicas a partir de 449, desalojando, absorvendo ou destruindo os povos célticos nativos que lá habitavam por mais de um milênio e, por fim, fundando a nação inglesa (Baugh; Cable 1993: 45-48).⁶

2.2 O enredo do poema

Estruturalmente o poema se divide em duas partes. A primeira parte narra detalhadamente as proezas do jovem Beowulf na Dinamarca, e está, por sua vez, subdividida em três grandes episódios vivenciados pelo herói, a saber: a luta com Grendel, a luta com a mãe de Grendel, e o retorno de Beowulf ao seu reino e seu relato a Hygelac. A segunda parte focaliza a morte de Beowulf em Geatland⁷, após a luta com o dragão. Paralelamente aos episódios centrais, notam-se outros episódios secundários e digressões ao longo do texto que procuram, de certa forma, elucidar os feitos de Beowulf, sua coragem e bravura, bem como os de outros heróis e reis do passado, como, por exemplo, a morte de Hygelac.

As três cenas principais são o salão de hidromel do Rei Hrothgar (vv. 1-188), o covil submarino de Grendel (vv. 710-924) e sua mãe (vv. 1492-1590) e o covil do dragão (vv. 2358-2711). Retrospectos, antecipações, e digressões marcam o curso da narrativa, cujo estilo é caracterizado por construções paralelas e perifrásticas, figuras de linguagem, e um riquíssimo vocabulário.

A história propriamente dita começa bem antes da ação principal. Um navio misterioso chega à Dinamarca trazendo uma criança também misteriosa de nome Scyld

Scefing, que, com diligência, coragem e caráter, vem posteriormente a se tornar o rei heroico e mitológico e reverenciado dos Daneses. Seu filho Beow⁸ continua o bem-sucedido reinado após a morte de Scyld, que foi sepultado no mar, conforme a tradição pagã dos povos escandinavos. Seus restos mortais são transportados em um grande navio, tendo sobre sua cabeça uma insígnia de ouro.⁹ Beow reinou de maneira correta e por longo tempo, deixando o trono para seu filho Healfdene, que teve quatro rebentos: uma filha Ursula e três filhos Heorogar, Halga e Hrothgar, sendo este o mais notável guerreiro, que no devido tempo, herda o trono, tornando-se o rei dos Scyldings, quando a história se desenrola. Hrothgar foi um grande rei e conquistou muitas vitórias para seu povo. Como símbolo de seu sucesso, manda então construir um grande salão de hidromel¹⁰ chamado Heorot, onde os nobres e guerreiros daneses se reúnem para festejar acontecimentos e ouvir contos heróicos cantados pelo bardo da corte.¹¹ Então, numa certa noite, Grendel, um monstro de forma humana, mas de proporções super-humanas, supostamente descendente de Caim, o primeiro assassino, surge repentinamente das extensas charnechas, dos vales brumosos, dizimando trinta homens. Durante doze anos, ele assombra a região, matando e devorando, enquanto Heorot permanece deserto e os homens vivem sob verdadeiro terror. A notícia do terror se espalha até os Getas, que habitavam num reino entre a Suécia e a Dinamarca (mapa na figura 2).

Em Götland, o guerreiro Beowulf, sobrinho de Hygelac, soberano dos Getas, ouve falar dos dilemas de Hrothgar causados pelos estragos de Grendel. Com quatorze companheiros dentre os mais destemidos guerreiros getas, ele rumo para a Dinamarca para combater o monstro devorador. Ao chegarem são interpelados por um guarda. Quando Beowulf explica que todos vinham pela paz, o arauto do Rei Hrothgar os deixa adentrar o castelo. Após ser apresentado a Hrothgar, Beowulf passa a lhe informar sobre sua dinastia e ascendência nobre, fala de seus feitos extraordinários dentre os quais a destruição de uma tribo de gigantes, a derrota de monstros marinhos e a vitória numa batalha contra inimigos e, por fim, se oferece para combater Grendel sem o emprego de armas, já que ele possuía a força de trinta homens. O rei aceita sua oferta de bom grado e convida os Getas para um banquete (vv 499-661). Durante a festividade, a Rainha Wealththeow, após render graças a Deus pela chegada de Beowulf, o homenageia oferecendo-lhe hidromel (bebida sagrada de seu povo). Os ânimos são, repentinamente, interrompidos por Unferth, um conselheiro de Hrothgar, que insulta Beowulf e questiona sua reputação e Beowulf, por sua vez, acusa Unferth de haver assassinado seus irmãos. Antes de se retirarem, Hrothgar promete a Beowulf grandes tesouros se ele lograr sucesso contra o monstro. Com isso, Beowulf está devidamente pronto para a prova que lhe renderá a glória eterna ou a morte digna de um guerreiro anglo-saxônico. Em resposta às saudações corteses da rainha, ele declara sua determinação de vencer o monstro ou morrer.

Beowulf e seus companheiros passam a noite em Heorot. Então, enquanto todos já haviam pegado no sono, Grendel, sorrateiro e solitário, movendo-se nas sombras da noite, aparece procedente da charneca, aproxima-se do saguão, abre violentamente os portões e imediatamente agarra e devora um dos Getas (posteriormente identificado como Hondscioh). Beowulf, que não porta nenhuma arma, já que isso seria uma vantagem desleal sobre a besta indefesa, finge estar sonolento e avança para agarrar a mão de Grendel. Quando Grendel tenta agarrar Beowulf, entretanto, este o domina com seus poderosos punhos. Inicia-se entre ambos uma luta longa e titânica; o saguão ressoa e parece desabar. Os companheiros de Beowulf puxam suas espadas e correm em seu socorro, mas suas lâminas não conseguem perfurar a pele de Grendel, pois ele é imune a armas humanas. Finalmente, Beowulf, utilizando-se de sua simples força, arranca um

dos braços de Grendel, que solta tremendos rugidos de dor excruciante. Num ato de desespero, Grendel se liberta violentamente e foge para seu esconderijo na charneca sombria, mortalmente ferido: seus dias estavam contados. Esse encontro de Beowulf com Grendel é, sem dúvida, uma das mais impressionantes passagens do poema: o contraste entre as forças do Mal e do Bem.

Pela manhã, vários guerreiros seguem as pegadas de Grendel e percebem que as águas do lago¹² em que se mergulhara estão manchadas de sangue. Quando retornam, o poeta da corte declama e canta os feitos de Sigemund e Heremod.¹³ No saguão, o braço e a garra de Grendel são pendurados, bem no alto do teto, como troféu, e Hrothgar os contempla enquanto profere um discurso exaltando os feitos de Beowulf, dizendo-lhe que ele será tratado como um filho a partir de então, ao qual Beowulf responde de maneira apropriada. Prepara-se um grande banquete e valiosos presentes são oferecidos a Beowulf e seus guerreiros. O poeta da corte, desta vez, narra a história de *Finnsburg*¹⁴, uma história de deslealdade e derramamento de sangue; a rainha Wealththeow, que também participa dos festejos, oferece mais presentes a Beowulf e pede-lhe sua benevolência para com seus filhos. Após o banquete, Hrothgar e os Getas deixam o saguão, o qual, após muitos anos, fica uma vez mais sob a guarda dos guerreiros daneses.

Em seguida, todos vão dormir, agora sem temor; porém, os guerreiros ainda mantêm suas armaduras nas cabeças, como faziam há anos.¹⁵

Na noite seguinte, para a surpresa e desespero de todos, a mãe de Grendel, terrivelmente abalada pela morte do filho, surge no grande saguão. Depois de trucidar um dos mais valorosos guerreiros de Hrothgar, Aeschere, carrega consigo a garra do filho fugindo para as profundezas do lago. Hrothgar chama Beowulf ao seu aposento, fala-lhe sobre a periculosidade dessa criatura, suplicando-lhe que não o desampare, e ele de boa mente condescende aos apelos do soberano. Beowulf, então, lembra o rei de que ele havia prometido com juramento tratá-lo como um filho. Se ele se ferisse, seus presentes permaneceriam com os Getas e seus amigos seriam protegidos. Pela manhã, uma tropa composta por Daneses e Getas segue com o rei e Beowulf ao encalço da mulher-monstro através de despenhadeiros íngremes, todos cobertos de seixos, veredas sombrias, rodeadas de rochas escarpadas. Hrothgar faz uma descrição vívida do lago, onde vivem os seres sobrenaturais aquáticos, inclusive Grendel e sua mãe. E então Beowulf, majestoso, avança com seus cavaleiros e se deparam com a visão fantástica do lago. E em seguida Beowulf prepara-se para o grande mergulho até as profundezas do lago peçonhento e traiçoeiro. Veste a armadura e protege a cabeça com um elmo de prata levando a espada Hrunting¹⁶, que havia recebido de Unferth, conselheiro de Hrothgar. Determinado a vencer ou morrer, o grande geta penetra fundo nas águas do lago, onde percebe a presença de uma horda de sinistros monstros marinhos. A mãe de Grendel o captura com suas garras e o arrasta para a caverna infernal no fundo do lago. E então uma luz de fogo resplandecente, como uma vela celeste, ilumina toda a caverna.¹⁷ Agora, frente a frente com fera, vibra de um golpe sua espada; porém, estupefato, percebe que a espada nem penetra nem fere a fera das profundezas. Não havia percebido que os monstros são imunes às armas comuns.¹⁸ Enquanto a luta se desenrola, os monstros marinhos observam, da mesma maneira que os guerreiros fizeram quando Beowulf se debateu contra Grendel. O príncipe dos Getas, entretanto, não se esmorece e renova o ataque. Lutam desesperadamente e ela quase o subjuga com uma faca, sendo protegido por sua armadura, quando, de relance, ele vê ali, pendurada na parede do covil, uma espada esplendorosa, forjada por Gigantes. Com essa espada, ele consegue matar a mulher-monstro e decapitar Grendel. Enquanto isso, devido à presença de sangue nas águas do lago, Hrothgar e os Daneses, supondo que o herói já

estivesse morto, retornam a Heorot. Os companheiros de Beowulf, entretanto, esperam por ele até que ele vem à tona são e salvo, trazendo consigo a cabeça de Grendel¹⁹ e o punho dourado da espada, cuja lâmina se derreteria como sorvete no sangue peçonhento do monstro. Todos levam os troféus de volta para Heorot. Percebe-se nessa passagem talvez a primeira intervenção divina.

Ao retornar a Heorot, Beowulf relata minuciosamente sua experiência extraordinária e assegura ao rei que as ameaças apresentadas por Grendel e sua mãe terminaram. Hrothgar replica com um longo e moralizante discurso enfatizando os temas do orgulho, da mutabilidade, e da moralidade, dentro da tradição de honra e comportamento dos Anglo-Saxões. Promove-se um grande banquete, após o qual Beowulf retira-se para dormir. Na manhã seguinte, após trocarem palavras amigáveis de despedida, Beowulf retorna à sua terra, a terra dos Getas, vitorioso e adornado com presentes principescos.

Na passagem de uma cena para a outra, nota-se um acentuado contraste simbólico entre o céu e o inferno (Staver 2005: 121).

Na segunda parte do poema, o autor discorre mais rapidamente sobre a morte subsequente do Rei Hygelac, na batalha contra os Francos e Frísios, sendo sucedido pelo filho, Heardred, com o apoio de Beowulf, mas é também morto. Beowulf então se torna rei dos Getas por cinquenta invernos (vv. 2220-2323). Para surpresa e desespero de todos, entretanto, um dragão aterrorizador começa a vagarear pela região, destruindo lares – inclusive o grande saguão de Beowulf – com suas impetuosas chamas. Durante 300 anos o dragão havia guardado um tesouro, originalmente pertencente a uma tribo de guerreiros já extinta, porém por longo tempo oculto numa charneca no alto de uma encosta de pedras. Um solitário fugitivo geta, provavelmente servo ou escravo de um senhor cruel, havia furtado um vaso de ouro da coleção, enfurecendo o dragão e incitando-o a desforra.

Beowulf ouve falar dos ataques noturnos do dragão. O veterano rei-guerreiro, ainda jovem em espírito, decide então enfrentar o monstro sozinho. Portando um escudo de ferro resistente feito especialmente para esse fim, acompanhado por onze homens, ele parte em direção ao covil do dragão (vv. 2417-2537). Cheio de presságios de seu fim iminente, num longo discurso, ele passa em revista os dias de sua juventude, especialmente os acontecimentos na corte dos Getas e a contenda com os Suiões, e depois se despede dos companheiros. Ele chama o dragão para fora do covil e o ataca com sua espada *Nægling*, mas se vê esmagado pelas chamas mortíferas expelidas pelo monstro. Seus companheiros em pânico fogem para a floresta, exceto o jovem Wiglaf, que, cômico de suas obrigações de lealdade e gratidão, corre em socorro de seu rei. Juntos eles lutam, Wiglaf desferindo um golpe decisivo na parte inferior da besta, e Beowulf cortando-a pelo meio com a espada. Mas o corajoso rei, mesmo logrando aniquilar o monstro alado, acaba recebendo um golpe fatal. Essa será a última batalha de Beowulf na história.

O poema termina com o episódio da luta com o dragão, a posse do fantástico tesouro e por fim a morte do herói, culminando com a descrição dos ritos funerários de Beowulf (vv. 3137-3182). Constrói-se uma pira ardente onde o herói é colocado e consumido pelas chamas, enquanto uma mulher anônima profere uma lamentação sobre o destino iminente dos Getas. Sobre os restos mortais do rei, seu povo então constrói uma moldura real onde ocultam o tesouro do dragão (que ficara enterrado por mil anos) para ali levado ternamente. Doze guerreiros cavalgam ao redor do túmulo²⁰ – todos filhos de nobres cavaleiros, lamentando a morte de seu senhor e exaltando seus feitos e virtudes.

Note-se, por fim, que embora a linguagem do poema, quanto sua estrutura e vocabulário, seja desafiante e complexa para o leitor moderno, o enredo geral é surpreendentemente simples. Basicamente, a narrativa nos apresenta três batalhas em duas nações e um herói que se sagra vencedor em duas delas e um velho rei na terceira. Entre a juventude de Beowulf e a sua idade madura, o poeta insere um espaço de mais de cinquenta anos. Na juventude, Beowulf, o abatedor de monstros, luta por um povo, os Daneses, ao passo que na velhice ele perece por outro, ou seja, o seu próprio povo, os Getas.

2. 3. Os personagens principais de *Beowulf*

O poema se ocupa de um único aspecto da sociedade anglo-saxônica: os reis e os guerreiros. O ladrão que furta a taça de ouro do dragão é talvez o único personagem no poema que não pertence à aristocracia. Apresentamos a seguir uma breve descrição das figuras mais representativas do poema. O elenco desses personagens pode ser classificado em três grupos: a linhagem dos Daneses, a linhagem dos Getas e os monstros.

2.3.1 Linhagem dos Daneses (Scyldings)

Scyld Scefing²¹ – É o rei dos Daneses, progenitor da lendária linhagem real dos Daneses conhecida como Scyldings. O poema inicia com a história desse rei mítico fundador da dinastia de Scylding – uma criança misteriosa enviada pelo mar até as costas da Dinamarca por forças invisíveis e desconhecidas – cujos reino glorioso e magnífico sepultamento no mar são vividamente descritos nos versos 53-85. Aparece pela primeira vez no verso 4: *Oft Scyld Scefing sceapena þreatum* [“Lá estava Scyld Scefing, flagelo de muitas tribos”].

Hroðgar (Hrothgar) – É o rei lendário dos Scyldings²²; líder sábio e venerável. No poema ele é mencionado como o construtor do grande salão de hidromel Heorot (vv. 67-70), e soberano da Dinamarca quando o herói Beowulf chega para enfrentar o monstro Grendel. Hrothgar aparece também nas sagas norueguesas *Hrólfs saga kraka* (“Saga do Rei Hrolf kraki”), *Skjöldunga saga* (“Saga dos Scyldings”) e também em algumas crônicas medievais dinamarquesas.

Wealhtheow – É esposa de Hrothgar e rainha lendária dos Daneses. Sua presença em Heorot proporciona certo esplendor às festividades. Seu aparecimento cortês logo após o incidente visivelmente com Unferth contrasta efetivamente com o comportamento rude daquele criado embriagado. É a ela que Beowulf se empenha em matar Grendel ou morrer. Wealhtheow é uma pacificadora e desempenha um papel ativo na diplomacia, generosamente presenteando Beowulf com uma valiosa insígnia de ouro e pedindo-lhe para ser conselheiro de seus filhos.

Note-se que o papel das mulheres, que ainda eram tidas como simplesmente posse dos maridos, é limitado em *Beowulf*. Às vezes elas eram usadas como pacificadoras entre tribos em contendas, principalmente sobre questões de casamento. O poeta deixa transparecer que a própria Wealhtheow teria se unido a Hrothgar em situação conflitante. Ela simboliza, de certo modo, todas as virtudes pertinentes a uma mulher, especialmente tratando-se de membros da realeza, como se pode perceber na seguinte passagem:

ðær wæs hæleþa hleahtor, hlyn swynsode,
word wæron wynsume. Eode Wealhþeow forð,

cwen Hroðgares, cynna gemyndig,
grette goldhroden guman on healle, (vv. 611-614)

[Risos de guerreiros ecoaram; ouviu-se então um grande alarido.
Conversas sedutoras. Foi à frente Wealhtheow,
a rainha de Hrothgar e, atenciosa e cortês,
ornada de ouro, no salão, a todos saudou.]²³

Unferð (Unferth) – É um dos guerreiros Scyldings de Hrothgar e, semelhantemente aos demais Scyldings, ele falhou em derrotar Grendel. O poeta afirma que Unferth sente ciúme da fama de Beowulf, já que Beowulf surgiu para derrotar o monstro Grendel. Unferth aparece cinco vezes no poema (vv. 499-558), sendo a primeira no verso 499:

Unferð maþelode, Ecglafes bearn,
þe æt fotum sæt frean Scyldinga,

[Unferth então falou sobre o filho de Eclaf,
aos pés do senhor dos Scyldings sentado.]

2.3.2 Linhagem dos Getas (Weder-Folk ou Weders)

Beowulf – É o herói lendário que dá nome ao próprio poema. É o guerreiro perfeito que reúne as qualidades de bravura, força física e honradez. O poeta primeiramente descreve Beowulf como “um nobre homem dos Getas”

Ðæt fram hám gefrægn Higeláces þegn
gód mid Géatum, Grendles daéda
sé wæs moncynnes mægenes strengest (vv. 194-196)

[Quando dos feitos de Grendel ouviu falar um cavaleiro de Hygelac,
um nobre homem dos Getas; forte ele era, o mais robusto e poderoso.]

sem entretanto nos informar sobre o que ele havia feito para adquirir essa reputação. Inicialmente, só o vemos através dos olhos horrorizados do guarda danês que patrulhava a orla rochosa ao se dirigir aos Getas:

mága gemédu· naéfre ic máran geseah
eorla ofer eorþan ðonne is éower sum,
secg on searwum· nis þæt seldguma (vv. 247-249)

[Nem eu jamais vi tão nobres portadores de escudo nem varão com maior
envergadura sobre a terra do que este aí dentre vós.]

A aparência de Beowulf – seu tamanho, seu escudo – obviamente impõe imediato respeito e atenção. Em sua trajetória, Beowulf emprega tanto sua finura quanto sua força bruta para derrotar seus inimigos. Sua única falha se verifica na segunda parte do poema, quando ele decide enfrentar o dragão sozinho em vez de delegar essa tarefa a alguém mais jovem.

Wiglaf – Melhor amigo de Beowulf; é um dos guerreiros trazido por ele para procurar o dragão, e o único que se une a Beowulf em seu momento de aflição. No poema, aparece pela primeira vez no verso 2602. Pela sua lealdade e coragem, Wiglaf é feito herdeiro de Beowulf – o que significa a transferência das qualidades do guerreiro à futura geração de homens da Escandinávia.

Higelac/Hygelac – É o rei dos Getas e tio de Beowulf. É admirador de Beowulf, contudo demonstra-se surpreso pelos seus triunfos contra seu inimigo mortal. Conferindo dádiva e honrarias ao herói que retornava, Hygelac revela como as vitórias de Beowulf proporcionaram-lhe respeito entre os Getas. Quando Hygelac morre num ataque aos Francos e Frísios em 521, Beowulf recusa-se a assumir o trono; somente quando o filho de Hygelac é assassinado é que Beowulf aceita a responsabilidade de governar Geatland. Aparece pela primeira vez no verso 194, quando um guerreiro geta se prepara para ajudar Hrothgar:

þæt fram ham gefrægn Higelaces þegn,
god mid Geatum, Grendles dæda;

[Então um dos súditos de Hygelac, guerreiro destemido entre os Getas,
das investidas de Grendel veio a saber]

Hygd – Esposa de Hygelac é a perfeita anfitriã no estilo de Wealhtheow e exemplifica a propriedade na realeza. No poema, aparece pela primeira vez no verso 1926. Beowulf é leal a ela e também a seu jovem filho Heardred, quando Hygelac morre.

Heardred – Filho de Hygelac e Hygd. Apesar do apoio de Beowulf, o jovem rei é morto num combate. Beowulf então se torna o rei dos Getas (vv. 2200-2223).

2.3.3 Os monstros

Desde os tempos imemorráveis, os poemas épicos tendem a delinear um herói que deve vencer vários monstros para alcançar sua glória final. O personagem que dá título ao poema corporifica os traços preconizados para o herói anglo-saxônico, pois para alcançar seu objetivo, Beowulf tem de enfrentar três monstros: Grendel, a mãe de Grendel e o dragão. Esses monstros representam os párias da sociedade, os seguidores desses párias e as pessoas que vivem afastadas da civilização e que não possuem nenhum valor.

Grendel²⁴ – É o primeiro e mais importante adversário que Beowulf tem de enfrentar. Habitante das charnecas e dos pântanos onde vegetam outros monstros. Descrito ao longo do poema como uma criatura hedionda e não humana: *Wæs se grimma gæst Grendel haten* (v. 102) [“Grendel era o nome desse tenebroso demônio”]; mesmo assim, pode, em algumas situações, demonstrar emoções e motivações humanas. O poema faz uma ligação de Grendel com o personagem bíblico Caim e o estigmatiza como um ser estranho, condenado a viver distante da comunidade humana num lugar horrível.

A mãe de Grendel – É identificada no poema simplesmente como *Grendles modor* (v. 1282) “a mãe de Grendel” e caracterizada como tão feroz e perigosa quanto o filho. Enraivecida com a morte deste, a feiticeira ataca de maneira inesperada e foge, matando o conselheiro de Hrothgar, Aeschere. Porém, quando Beowulf sai em seu encalço, ela o enfrenta destemidamente, arrastando-o para seu covil e atacando-o perversamente. Semelhantemente a Grendel, a mãe é imbuída de fortes desejos de vingança. Ficamos sabendo que ela é a mãe de Grendel, embora Hrothgar não faça menção ao pai, e a narrativa revela que ambos eram rebentos de Caim, daí ser natural chamá-la de “mãe”.

Conforme se pode observar, não há no poema uma descrição precisa da aparência física da mãe de Grendel. Nas poucas passagens em que ela é mencionada, o

poeta a descreve de maneira ambígua, utilizando construções metafóricas, recurso que é também preservado nas inúmeras traduções, sobretudo para o inglês moderno. Assim, por exemplo, *atolan clomum* (v. 1502) que sugere “um espantoso ato de agarrar”, a locução se torna, conforme o ponto-de-vista de cada tradutor: *horrible claws* (“garras horrendas”) ou *horrible hooks* (“ganchos terríveis”). Essa transmutação do ato heroico de agarrar em “garras” e “ganchos” reenfatiza a marginalização das ações “não-femininas” da mãe de Grendel pelo tradutor. Do mesmo modo, *lapan fingrum* (v. 1505) literalmente *hostile/hateful fingers* (“dedos hostis ou abomináveis”) se torna *claws* e *piercing talons* (“garras” e “presas perfurantes”), *grimman grapum* (v. 1542), *fierce grasp*, (“ato feroz de agarrar”) se transforma em *grim claws* (“presas horrendas”) e *sharp claws* (“presas afiadas”) (Alfano 1992: 3).

O dragão²⁵ – O dragão é uma criatura fabulosa, em geral com caudas de serpente, garras e asas. Figura recorrente no imaginário de muitas culturas, o dragão é frequentemente associado a cavernas ou ambientes aquáticos e à proteção de coisas valiosas e, naturalmente, possui poderes mágicos e sobrenaturais. No poema, é uma antiga criatura, de cinquenta pés de comprimento, que fixa sua moradia em um covil ainda mais antigo, onde guarda um tesouro achado cujo dono é ignorado. Ele fica enfurecido quando um fugitivo lhe furta um vaso de ouro. Seus ataques de surpresa pelas regiões de Geatland resultam na batalha com Beowulf, a última do rei (vv. 2538-2711).

Langer, em sua magistral pesquisa sobre o mito do dragão na Escandinávia da Era Viking (2007:106-141), analisa o tema nas fontes nibelungianas. Além dos poemas épicos *Regismál*, *Fáfnissmál* e das sagas *Völsunga saga*, *Þiðriks saga*, *Ragnars saga Loðrókar*, o autor examina com minúcia imagens e inscrições em pedras rúnicas, espalhadas pela Escandinávia e Ilhas Britânicas, cruzeiros e igrejas que marcam a transição da era pagã à era cristã na Europa Setentrional. O autor conclui seu artigo afirmando, com muita propriedade, que “O dragão germânico sobreviveu no imaginário por toda a Idade Média, continuando a ser um modelo atemporal, com novas significações para cultura clerical, mas ainda preservando alguns traços pagãos através do folclore” (Langer 2007: 125).

3. O componente mítico-religioso em *Beowulf*

3.1 As tradições escandinavas: o paganismo²⁶

Os povos germânicos eram pagãos e os antigos deuses mitológicos *Thor*, *Odin* e *Freyr* continuaram sendo adorados por muito tempo após a introdução do Cristianismo na Europa. Diferentemente do Cristianismo, o paganismo germânico e, por extensão, o paganismo escandinavo não possuía uma teologia sistemática e carecia de conceitos absolutos do Bem e do Mal ou da vida após a morte. A religião era uma questão de cumprimento e observância corretos de certos sacrifícios, rituais e festejos ao invés de espiritualidade pessoal. Não havia sacerdócio de tempo integral; geralmente eram os próprios reis ou os chefes de tribo locais que tinham a responsabilidade de assegurar a condução dos rituais. Um ciclo de mitos falava da criação do mundo e de sua destruição final. Desse modo, acreditavam eles que todas as coisas estavam sujeitas aos caprichos do destino, inclusive os deuses, que deveriam perecer no Ragnarök²⁷, o cataclismo final que destruiria o mundo, em que gigantes e demônios atacariam os deuses, que lutariam com heróis carnavais.

Como em outras religiões politeístas, os deuses germânicos dominavam diferentes aspectos da vida humana. Os mais importantes eram Odin, Thor e Freyr. Odin, figura central do panteão germânico, era o deus da poesia, da sabedoria, da magia e dos mortos; mas era também o deus da guerra. Era o chefe da sociedade divina; era dotado de poderes que ultrapassam todos os dos demais. Depois de muitos combates, Odin tornou-se o senhor do “hidromel” licor mágico que proferia vaticínios.

O deus mais popular entre os camponeses era Thor, o deus da força física, do trovão²⁸ e do relâmpago, do vento, da chuva, do tempo e da colheita. O deus Thor era grandemente venerado pelos Germanos do Norte; os Vikings se chamavam “o povo de Thor”. Thor foi provavelmente o mais importante deus do paganismo tardio, conforme sugerem as fontes escandinavas sobre a conversão como uma luta entre Thor e Cristo (Lindow 2001: 290).

Freyr era o deus da riqueza, da saúde, da fertilidade e da paz. Faziam-se oferendas a Freyr nas cerimônias de casamento. A dinastia sueca de *Ynglingar*²⁹ considerava seus ancestrais o resultado da união do amor entre Freyr e Gerd (mulher gigante, filha do gigante Gymir). Freyr possuía uma contraparte feminina, Freyja, que propiciava sorte no amor e representava a sensualidade.

3.2. Introdução do Cristianismo

O processo de cristianização dos povos da Escandinávia teve início no século VIII com a chegada de missionários à Dinamarca, processo esse que, de certa forma, se consolidou não antes do século XII, pois as velhas tradições pagãs, que por séculos haviam proporcionado segurança e estrutura, passaram a ser ameaçadas por conceitos da Teologia Cristã até então desconhecidos, tais como o *Pecado Original* (Gen. 1: 15-17), a *Encarnação de Cristo* (Mq 5: 2; Jo 8:58; Lc 2; 40, 52) e a *Trindade* (Rom. 1:20; Col 2:9).

Escavações arqueológicas de sítios de sepultamento na ilha de Lovön, nas proximidades de Estocolmo, revelam que a verdadeira cristianização do povo se processou de maneira lenta e durou pelo menos entre 150 e 200 anos, e este era um local bem central no reino sueco. As inscrições rúnicas do século XIII da movimentada cidade mercantil de Bergen, na Noruega, revelam pouca influência cristã.

Já a conversão dos Saxões na Inglaterra do paganismo germânico ao Cristianismo foi consumada por volta do século VII sob a influência dos já convertidos Jutos de Kent (condado situado no sudeste da Inglaterra, próximo de Londres). Esse processo de cristianização, entretanto, não foi uniforme entre todos os povos que então habitavam a região. Os Saxões do oeste, por exemplo, foram mais resistentes à adoção do Cristianismo. Na verdade, o Cristianismo nessa fase foi mais bem aceito entre os nobres. Os cidadãos livres e a classe servil continuaram praticando os rituais pagãos mesmo depois de sua conversão nominal ao Cristianismo. Essas classes inferiores e marginalizadas (conhecidas pela expressão latina *plebeium vulgus* ou *cives*) do processo político continuaram sendo um problema para as autoridades cristãs até 836, quando o *Translatio S. Liborii*³⁰ adverte sobre sua obstinação quanto aos ritos e superstições pagãs (*ritus et superstio*).

3.3. A antiga sociedade anglo-saxônica

Os Anglos e os Saxões, como outros povos germânicos, eram de grande porte físico, pele clara e extremamente amantes da boa comida e bebida, dos jogos, das ostentações e das lutas. Eram também corajosos, leais, generosos, hospitaleiros, prudentes e honrados. Essas três primeiras virtudes eram essenciais na união de grupos de guerreiros bem-nascidos (*athelings*) que empenhavam seus infatigáveis serviços ao rei ou ao chefe de tribo, que, por sua vez, os proviam de alimento, armas e presentes. O rei era eleito por um conselho ou *witan* (do inglês-saxônico *witenagemot* “conselho dos sábios”) composto de nobres e de membros do alto clero. O *earldorman* (“ancião”) era o único título de nobreza que se tornou *earl* (do escandinavo *jarl* “chefe de clã ou tribo”, donde a acepção de “conde”, no inglês moderno) no século XI. O *thane* (do inglês-saxônico *þegn, ðegn* “criado”), cavaleiro que possuía riquezas e posição, mas que devia obediência ao rei e, por isso, ficava abaixo da nobreza. Em seguida vinha o *geneat* (“companheiro”), que possuía terras, mas era submisso ao thane, ao earl ou ao rei. Abaixo dos *geneats* ficavam vários tipos de aldeões, que pagavam aluguel aos proprietários das terras que cultivavam. Por fim, vinham os *theows* (“servos”) e os *thralls* (do norueguês antigo *þræll* “escravos”), freqüentemente prisioneiros de guerra, que executavam tarefas desprezíveis nas terras ou nas residências dos abastados (Carlsen; Carlsen 1985: 2).

3.4. O Cristianismo e o início da prosa inglesa

O Cristianismo penetrou na Inglaterra por duas vias diferentes – do norte e do sul. Ao norte originou-se do Cristianismo céltico da Irlanda, levado primeiramente para a ilha por São Patrício em 432. No século seguinte, a Irlanda tornou-se um centro do Cristianismo e da erudição. Em 563, os monges irlandeses estabeleceram uma missão em Iona, pequena ilha nas Hébridas escocesas, dando início à cristianização do norte sob a liderança de Santo Aidan de Lindisfarne, apóstolo de Northumbria³¹ (falecido em 651). No sul, Santo Agostinho e um grupo de 40 monges desembarcaram em Kent em 597 e logo se intensificou a propagação do Cristianismo pelo resto da Inglaterra.

No século VII, os Beneditinos começaram a estabelecer mosteiros, principalmente em Northumbria. Muitos desses mosteiros se tornaram grandes centros de erudição. Foi nos *scriptoria*³² desses mosteiros que a língua inglesa começou a ganhar sua fixação escrita. A maior parte da produção literária versava sobre as escrituras sagradas ou temas de teologia e era redigida em latim, a língua oficial da Igreja, pois as línguas nativas eram consideradas inadequadas para a escrita de temas eruditos, como alhures no Continente Europeu, um preconceito que perdurou até o século XVII (Carlsen; Carlsen 1985: 4).

O mais proeminente prosador anglo-latino foi Beda, monge beneditino do Mosteiro de Northumbria, também conhecido como Venerável Beda (673-735), autor de *Ecclesiastical History of the English People*, cujo título em latim é *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (“História Eclesiástica do Povo e Inglês”), em 731. É, porém, a Alfredo o Grande (849-899), nascido mais de um século depois da morte de Beda, que se deve o início da prosa em língua vernácula e provavelmente também a preservação da antiga poesia inglesa. Após derrotar os Daneses de maneira decisiva em 876, Alfredo reconstruiu seu reino, restabeleceu uma lei justa, e procurou resgatar a liderança da Inglaterra na erudição que tinha nos séculos VII e VIII. É também provavelmente a Alfredo que se deve o início da publicação da mais importante obra em prosa em inglês-saxônico, a *Anglo-Saxon Chronicle* (“Crônica Anglo-Saxônica”), uma coleção de crônicas ou anais que cobrem a história de Inglaterra desde o ano 1 até 1154.

3.5 *Beowulf*: a maior expressão poética no inglês-saxônico

Enquanto a prosa era de conteúdo amplamente histórico, a poesia era o veículo imaginativo dos escritores no inglês-saxônico utilizado para abordar vários temas. Uma das obras mais marcantes na literatura inglesa é também uma das mais antigas, o poema épico *Beowulf*, de 3182 versos que celebra a vida e a morte do herói que é o próprio personagem do título. Contado e recontado pelos invasores germânicos da Inglaterra, o poema foi provavelmente escrito na sua versão atual por um poeta anônimo em inglês-saxônico (*Old English*), por volta do ano 800, em Northumbria; embora os fatos nele relatados pareçam ter ocorrido há alguns séculos antes. O poema apresenta heróis guerreiros, viagens arriscadas e monstros fantásticos; o tema, exposto de maneira simples, é a luta perene do Bem contra o Mal.

Segundo Carlsen & Carlsen (1985: 30), o poema se equipara a outras epopeias europeias desde *Das Nibelungenlied*³³ às diversas sagas escandinavas e islandesas, e suas batalhas com monstros são notavelmente semelhantes às mais de 200 narrativas folclóricas que podem ser grupadas sob o título coletivo de *The Bear's Son*³⁴ (“O Filho do Urso”). Três de suas passagens mais poéticas mostram a influência decisiva da *Eneida* de Virgílio, um texto clássico supostamente desconhecido aos povos da era do obscurantismo, ou seja, a Alta Idade Média. O poema reflete também a tradição oral da epopeia folclórica, em oposição às epopeias escritas que surgiram depois, como as de Spencer (1552-1599), autor do célebre poema épico *The Faerie Queene* e Milton (1608 – 1674), autor de *Paradise Lost* (“Paraíso Perdido”).



Figura 3. Elmo anglo-saxônico do início do século VII, encontrado em 1939, em Sutton Hoo, localidade próxima de Suffolk, Inglaterra. Fonte: <http://www.heorot.dk:80/suttonhoo-grimhelm.jpg>

Não podemos descartar a hipótese de o poema ter existido somente na forma oral ou cantada durante as migrações escandinavas para a Grã-Bretanha, levado pelos Getas ou Anglos para Northumbria. Ali, no século VIII dos dias do Venerável Beda o poema teria encontrado sua configuração quase final como uma composição formal. O poema combina elementos da cultura anglo-saxônica com valores morais cristãos numa extraordinária história de aventura, como veremos a seguir.

Um grande número de obras escandinavas também fala de figuras dinamarquesas e suecas encontradas em *Beowulf*. Entre esses textos citam-se a *Skjoldunga saga* (“Saga de Skjoldunga”), cujo único texto existente está num resumo em latim realizado no século XVI por Arngrímur Jónsson; a *Ynglinga saga* (“Saga de Ynglinga”) encontrada em *Heimskringla* (c. 1223-35) de Snorri Sturluson; e a *Hrólfs saga kraka* (“Saga do Rei Hrolf kraki”, c. 1400); a obra latina conhecida como *Gesta Danorum* (“Feitos dos Daneses”) ou *Storia Danica*, escrita por volta de 1200 por Saxo Grammaticus³⁵, menciona vários nomes de daneses que estão também presentes em *Beowulf*. É verdade que os relatos apresentados nessas obras nem sempre coincidem com o que se diz em *Beowulf*. Em *Beowulf*, por exemplo, Healfdene possui três filhos, Heorogar, Hrothgar, e Halga, mas nas fontes escandinavas não há nenhum filho correspondente a Heorogar; Hrothmund, um dos dois filhos de Hrothgar em *Beowulf*, é desconhecido nas fontes escandinavas; e Ingeld e seu pai Froda que pertencem à tribo

dos Heathobards³⁶ em *Beowulf* são daneses em *Gesta Danorum* de Saxo Grammaticus. Contudo, divergências desse teor não são imprevisíveis em narrativas transmitidas ao longo de muitos séculos, e os textos análogos escandinavos indicam que o poeta de *Beowulf* se utilizou de uma material histórico e lendário compartilhado da herança germânica (Staver 2005: 91-92; Jack 1997: 1-25).

3.6 Valores cristãos e valores pagãos: as qualidades de Beowulf

Poucos aspectos de *Beowulf* têm atraído maior atenção da crítica literária, bem como provocado mais acirrada disputa, do que a questão de seu conteúdo religioso (Fulk; Bjork; Niles 2008: xlvii; Orchard 2007: 72-77; Klaeber 2008: lxxvii-lxxix).

Segundo Pooley (1968: 25), a crença num herói sempre foi um tema social e político importante entre os povos germânicos, fossem eles cristãos ou não cristãos. O fato de que um herói assim pudesse ser comparado à figura de Cristo, sem dúvida, atraía a anuência de muitos clérigos com relação às lendas heróicas. Com grande probabilidade, quem primeiro vazou a lenda épica de Beowulf nos melhores preceitos de arte e a transcreveu numa língua denominada inglês-saxônico foi um clérigo cristão que se não era nórdico de nacionalidade o era pelo menos em afinidade e interesses. Esse autor desconhecido, que viveu provavelmente na primeira metade do século VIII, é identificado simplesmente como o “Poeta de Beowulf”.

No tempo dos Anglo-Saxões, os atos de heroísmo eram aqueles que imprimiam certa fascinação pela demonstração de bravura, lealdade, reputação, generosidade e hospitalidade. A qualidade de um rei era determinada pela qualidade de sua lealdade. Um bom rei possuía seus cavaleiros ou guerreiros que lhe prestavam juramentos de lealdade. Na história de Beowulf, podemos identificar vários traços de caráter que definem o herói anglo-saxônico, a saber: lealdade, força física, coragem, bem como sagacidade, cortesia, e, acima de tudo, o comprometimento com a salvação de seu povo. Todos esses traços são evidenciados, principalmente, nas três batalhas que Beowulf tem de enfrentar, ou seja, com Grendel, com a mãe de Grendel e com o dragão.

O tema do poema é, sobretudo, a lealdade. Foram a lealdade e a honra de Beowulf que salvaram a nação e o povo de Hrothgar. Beowulf se destaca dos demais homens pela sua extraordinária lealdade que devota a seu rei. Sempre que solicitado, ele corre ao auxílio de Hrothgar, subjugando Grendel, sua mãe, e por fim o dragão. Tudo isso ele faz por livre vontade; ele não demonstra nenhum desejo de conquistar o trono. Beowulf enfatiza a importância da lealdade, como se percebe na sujeição a seu rei Hygelac, a seu anfitrião Hrothgar, a seus próprios homens, como Wiglaf, e a seus cidadãos getas.

Aprendemos sobre seu caráter pelos discursos que ele faz ao guarda e a Wulfgar, ecônomo real de Hrothgar, que pede novamente aos Getas para se identificarem. Ele só é identificado nominalmente no verso 343: *Beowulf is min nama* [“Beowulf é meu nome”]. Os conflitos espirituais de Beowulf – ora em agir altruisticamente para o bem dos outros, ora para acumular recompensas e fama pessoal – são também uma chave para sua personalidade. No mesmo sentido, ele jamais tem certeza se seu sucesso como guerreiro é devido à sua própria força ou à ajuda de Deus. O conflito entre o material e o espiritual está bem patente nos versos de seu último discurso:

'Ic ðára frætwa fréan ealles ðanc
wuldurcynige wordum secge
écum dryhtne þé ic hér on starie (vv. 2794-2796)

[Ao Senhor, eterno Rei da Glória, pelos tesouros que vejo diante de mim,
graças verto em palavras.]

Tolkien (1936), por outro lado, argumenta que o motivo estrutural central de *Beowulf* é o equilíbrio entre os começos e os fins, da juventude e da velhice, sendo o exemplo mais dominante a própria vida de Beowulf. Quando ele chega ao reino de Hrothgar, o herói da epopeia ainda é bastante jovem. Ele está em busca de um nome para si mesmo. Reputação é o tema-chave do poema e de importância central a Beowulf. Quando o guarda costeiro se aproxima dos Getas pela primeira vez, ele indaga sobre a linhagem de Beowulf (v. 251). Beowulf então menciona os feitos e a reputação tanto de seu pai quanto de seu rei, Hygelac, e de seu povo, os Getas. Ao rei Hrothgar (vs 418 e seguintes), ele adequadamente revela mais: havia matado uma tribo de gigantes e expulsado os inimigos de sua terra natal.

Essas qualidades contribuíram para torná-lo mais tarde um rei reverenciado, embora também tenham contribuído para seu fim trágico. Beowulf subjugou a criatura hedionda Grendel para ajudar os Daneses; essa atitude mostra que Beowulf era dotado de uma coragem e uma força ilimitadas, que o colocavam acima dos outros homens. Vencer Grendel sem armas era uma demonstração inequívoca de imponente bravura, como se percebe nos seguintes versos:

wig ofer wæpen, ond siþðan witig god
on swa hwæþere hond, halig dryhten,
mærdō deme, swa him gemet þince. (vv. 685-87)

[Sem armas combateremos, se não temer ele enfrentar-me desarmado. Que
seja da escolha do Divino Senhor Deus a glória da vitória.]

Beowulf é intrépido, e sua coragem jamais é questionada. Sem nenhuma certeza do que encontrará pela frente, ele mergulha no lago pronto para a batalha, levando quase um dia para discernir o fundo: *ða wæs hwil dægēs / ær he þone grundwong ongytan mehte* (vv. 1495-96).

O destino era, também, um fator importante na vida das culturas pagãs de todas as épocas. Isso é bem documentado em *Beowulf*, em que um guerreiro pagão vence porque é seu destino que assim determina, e não por sua autodeterminação. Veja-se, por exemplo, a seguinte passagem: *wolde dom godēs dædum / rædan gumena gehwylcum, swa he nu gen deð* (vv. 2858-59) ["O que Deus julgou correto; assim será feito com o destino dos homens."]. Este é apenas um dentre vários exemplos que demonstram o papel do destino na morte na visão das sociedades pagãs.

É praticamente unânime entre os estudiosos a opinião de que o poema *Beowulf* foi composto com base em crenças pagãs (Staver 2005:149-161). A história, entretanto, deve ter sido veiculada no início oralmente e, mais tarde, compilada por um monge que poderia ter incorporado algumas crenças cristãs, já que o Cristianismo estava inabalavelmente ganhando terreno. O autor procura reconciliar vários conceitos pagãos com elementos do Cristianismo e escreve, talvez, com o propósito de suprir uma ligação entre o Cristianismo da Inglaterra do século VIII e seus ancestrais pagãos. Apesar de sua conversão ao Cristianismo, mentalmente os Anglo-Saxões ainda habitavam a Terra-média³⁷ de seus antepassados, um mundo, como o mundo popularizado por Tolkien (1996, 2005), povoado por *ents*³⁸, duendes, anões e *orcs*³⁹. As crenças nas forças invisíveis da natureza não se dissiparam durante a noite – na verdade, os aspectos de tais crenças continuaram nas áreas rurais até as épocas modernas – mas o que havia mudado foi o modo de como esses seres eram concebidos (Grigsby 2005:101). Ao longo do poema, o autor mescla para o leitor o mundo místico carregado de guerra dos Anglo-

Saxões, onde um grande herói luta por seu povo contra vários inimigos terríveis. Beowulf chega a ser retratado como possuidor de poderes super-humanos.

3.7 Referências bíblicas no poema

Em *Beowulf* há somente duas referências diretas a fatos da Bíblia. Uma é a conexão de Grendel com a maldição de Caim, filho mais velho de Adão e Eva que matou seu irmão Abel por inveja, quando o bardo da corte fala da Criação do mundo:

Sægde se þe cuþe
frumsceaft fira feorran reccan,
cwæð þæt se ælmihtiga eorðan worhte,
wlitebeorhtne wang, swa wæter bebugeð,
gesette sigehreþig sunnan ond monan
leoman to leohte landbuendum
ond gefræt Wade foldan sceatas
leomum ond leafum, lif eac gesceop
cynna gehwylcum þara ðe cwice hwyrfaþ. (vv. 90-98)

[Claro canto do menestrel habilidoso, contando com maestria, como Deus-Onipotente havia criado a terra, uma planície lampejante cingida por águas; e como, em Seu esplendor, Ele fez nascer o sol e a lua, luzes que iluminam os habitantes da terra, e preencheu o espaço vazio com ramos e folhas; e como proveu de vida todos os seres vivos que pelo mundo se movem.]

E mais adiante:

in Caines cynne þone cwealm gewræc
éce drihten þæs þe hé Ábel slóg. (vv. 107-108)

[Da raça de Caim a quem o Criador havia banido e do mundo exilado pela morte de Abel].

Nesta passagem, Grendel se ressentido da agradável beleza de Heorot e de seus ocupantes. A canção o enfurece porque fala da beleza e da luz da criação divina, que ele jamais conseguirá resgatar para si.

A outra é uma fugaz alusão ao Dilúvio de Noé, quando Hrothgar está contemplando o punho da espada gigante e misteriosa, que foi devidamente gravado com inscrições rúnicas em puro ouro dos homens da época do Dilúvio, porquanto pertencia a Grendel, descendente de Caim.

Hróðgár maðelode hylt scéawode
ealde lafe on ðaém wæs ór writen
fyrngewinnes syðþan flód ofslóh
gifen géotende gíganta cyn— (vv. 1687-1690)

[Hrothgar falou; olhou austero o punho da espada das gerações onde estava gravada a origem da antiga discórdia e como o dilúvio exterminara uma raça de gigantes com as enormes ondas do mar.]

Ambas as passagens encontram-se em Gênesis (respectivamente 4:17-24 e 7:1-24). Note-se, nesse trecho, que Hrothgar replica o relato das proezas de Beowulf com um longo e moralizante discurso sobre os temas do orgulho, da mutabilidade da existência humana, e da moralidade. Não há, entretanto, uma única referência a Jesus Cristo, nem mesmo a Moisés ou ao Rei Davi, e as referências a Deus parecem estar baseadas no Velho Testamento e não no Novo. Do mesmo modo, não há citações ou

referências a anjos, santos, relíquias, à cruz (o principal símbolo do Cristianismo), à adoração divina, às observâncias da Igreja, ou pontos particulares do dogma cristão. Mas o Rei Hrothgar e Beowulf, às vezes, fazem menção a um Deus único, todopoderoso e há exemplos de renascimento simbólico no poema, como o surgimento de Beowulf do lago após ter derrotado a mãe de Grendel (vv. 1612-1631). A luta com o dragão, mais adiante no poema, especialmente parece ter uma riqueza de linguagem tipicamente cristã. Contando com o ladrão, Beowulf é acompanhado por doze guerreiros, a maioria dos quais o abandona (o que nos faz lembrar dos Apóstolos de Cristo). A correspondência numérica é exata. Beowulf é conduzido até seu conflito por um seguidor traiçoeiro do mesmo modo como Cristo foi traído e entregue aos seus executores por seu discípulo Judas (Marcos 3:19; Mateus 10:4; Lucas 6:16). O poeta observa que há treze pessoas no grupo que vão ao encontro do dragão, o que encontra paralelo com Cristo e seus doze apóstolos (Lucas 6:13). Quando o dragão ataca, dez dos seguidores de Beowulf fogem em pânico, deixando somente Wiglaf, seguidor fiel, que permanece junto a seu senhor até o fim, sem contudo, poder salvar-lhe a vida (McNamee 1960: 99).

Blackburn (1963: 1-21) classifica os seguintes elementos cristãos em *Beowulf*:

1. Passagens contendo histórias essencialmente bíblicas com referências a Caim, Abel e ao Dilúvio.
2. Passagens contendo expressões de censura a ideias ou adorações pagãs como a que ocorre no episódio da apresentação da linhagem dos reis daneses, no início do poema.
3. Passagens contendo referências a doutrinas claramente cristãs como o Céu, o Inferno e Dia do Juízo.
4. Alusões incidentais ao Deus dos Cristãos.

Examinando esses elementos cuidadosamente, Blackburn especula como se pode facilmente reconfigurar tais passagens substituindo uma ou outra palavra ou omitindo expressões; daí percebendo como os copistas podem ter procedido no passado. Revertendo o processo cristianizador, ele conclui em algum ponto, que *Beowulf* pode ter sido um texto totalmente pagão.

A maioria dos críticos por quem nos orientamos, porém, prefere examinar como os elementos cristãos se encaixam e formam uma parte integral do poema.

3.8 A viagem arquetípica de Beowulf

As aventuras de Beowulf constituem, pelo que vimos até aqui, um microcosmo de uma visão bem mais ampla dos ritos universais de passagem a que o estudioso norte-americano de mitologia e religião comparativa Campbell (2008) se refere como “os estágios do monomito”, ou seja, um padrão básico encontrado em um grande número de narrativas ao redor do mundo. Segundo esse estudioso, os ritos universais refletem o núcleo de um mito primitivo – *The Monomyth*, cujos estágios principais são: SEPARAÇÃO (o herói, vindo do mundo dos mortais, precipita-se em aventuras num mundo de maravilha sobrenatural) > INICIAÇÃO (o herói enfrenta os desafios físicos ou psicológicos nesse mundo estranho contra forças poderosas, podendo ser ou não auxiliado pelo Guia Sobrenatural) > RETORNO (o herói, após cumprir sua missão, retorna dessa viagem maravilhosa, tendo alcançado iluminação e sabedoria) > MORTE DO HERÓI (o herói volta à sua condição humana). Desse modo, relatos do tipo *Beowulf* são modelos verdadeiros dos trabalhos da mente humana, verdadeiros mapas da psique; são psicologicamente válidos e realistas mesmo quando retratam acontecimentos fantásticos, impossíveis ou irrealis. As histórias construídas segundo

esse modelo possuem um apelo que pode ser percebido por todos, porque surgem de uma fonte universal no inconsciente coletivo e porque refletem preocupações universais. Lidam com questionamentos universais do tipo: “Por que nasci?”; “O que acontecerá quando eu morrer?”; “Como posso superar os problemas de minha vida e ser feliz?” São, pois, indagações que transcendem aos conceitos do paganismo e do Cristianismo.

Duas das várias traduções que examinamos, a de Galvão (1992) para o português e a de Heaney (2000) para o inglês contemporâneo, permitem ao leitor moderno observar novos aspectos do poema. A leitura dessas traduções, com ênfase no “potencial mítico” da obra, nos propicia uma interpretação à luz das subcorrentes míticas que Campbell examina tão exaustivamente.

4. Considerações finais

Beowulf é, como vimos, um poema épico escrito no século VIII. Naquele período, a sociedade estava num processo de conversão do paganismo para o Cristianismo. Combinando essas duas crenças diferentes, o poeta conseguiu enfatizar os princípios de sua época intensificando as qualidades dos estilos de vida tanto do paganismo quanto do Cristianismo.

Permeiam o poema muitas influências pagãs. *Beowulf* reúne diversas características de um super-herói pagânico. Na primeira batalha contra Grendel, *Beowulf* opta por não lutar com armas, mas com suas próprias forças. Isso se repete quando tem de lutar contra o dragão. Mesmo já avançado em anos, ele ainda reúne força suficiente para aniquilar as forças do mal do dragão. Como em muitas narrativas pagãs, o dragão, Grendel e *Beowulf* simbolizam a rivalidade entre o Bem e o Mal. Figura tradicional do folclore medieval e símbolo cristão do mal, o dragão pode representar uma malignidade externa que deve ser conquistada para provar a benignidade do herói. Outro exemplo que pode ser mencionado é quando *Beowulf* mergulha no interior do lago, cheio de monstros misteriosos, para alcançar a mãe de Grendel, permanecendo sem respirar por longo tempo.

Tem havido discussões acadêmicas acirradas quanto ao conceito do Cristianismo em *Beowulf*. Alguns eruditos especulam que o autor do poema não era bem instruído e não conhecia suficientemente as diversas passagens bíblicas. Outros sugerem o contrário e afirmam que ele deveria ser muito culto, talvez ter estudado em algum mosteiro como o de Whitby,⁴⁰ e por isso teria selecionado os fatos menos conhecidos. Outra possibilidade é que essas histórias teriam uma impressão mais pagã ao poeta, já que falavam de vingança, matança de reis, e catástrofes em grande escala e por isso ele teria procurado “cristianizar” grande parte das alusões sobrenaturais e suavizar as insinuações sanguinolentas do poema original. O autor ainda pode tê-las escolhido porque se adaptaram melhor a sua história. O bardo medieval anglo-saxônico pode ter sido um cristão instruído, e sua audiência na Inglaterra do século VIII já tivesse sido exposta aos conceitos religiosos levados pelo Cristianismo. (Staver 2005: 157-161; Orchard 2007: 72-79; Baldwin 2000: 19).

Beowulf não se resume no relato da vida de um grande herói e de suas proezas de cavaleiro andante, combatendo monstros e gigantes; é, antes, a saga de um herói na defesa da humanidade contra seus inimigos mortais. Nesse ponto, o poema se estrutura dentro dos moldes do herói arquétipo universal e inclui muitos elementos iniciatórios antigos, tais como: o herói como “curandeiro” (aquele que alivia) e “xamã aprendiz”, Grendel como “espírito do mal”, a armadura do herói como símbolo de seu elo “a um

pai mítico iniciador”, e a descida ao lago de Grendel como entrada a um perigoso “era uma vez” (Bjork; Niles 1997: 223).

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Johnni Langer (UFMA), pela revisão e valiosas sugestões ao presente trabalho.

Fontes primárias

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém: antigo e novo testamento*. Coordenadores Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo e Ana Flora Anderson. São Paulo: Paulinas, 1981.

GREGÓRIO DE TOURS. *Historia francorum*. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/gregorytours.html>. Acesso em 22/07/2010.

KLAEBER, Friedrich. *Klaeber's Beowulf and the fight at Finnsburgh*. Edited by R. D. Fulk, Robert E. Bjork, John D. Niles with a foreword by Helene Damico. Fourth edition. Toronto: University of Toronto, 2008.

HOLLANDER, Lee M. (trans.). *The poetic Edda*. Second edition, revised. Austin: University of Texas Press, 2008.

Hrólf's saga kraka ok kappa hans. Disponível em: http://www.heimskringla.no/wiki/Hrólf's_saga_kraka_ok_kappa_hans. Acesso em 14/09/2009.

MITCHEL, Bruce; ROBINSON, Fred C. (eds). *Beowulf: an edition with relevant shorter texts*, including “Acheology and Beowulf” by Leslie Webster. Oxford: Blackwell, 1998.

SAXO GRAMMATICUS. *Gesta Danorum*. Disponível em: <http://www2.kb.dk/elib/lit//dan/saxo/lat/or.dsr/>. Acesso em 14/09/2009.

STURLUSSON, Snorri. *The Ynglinga saga, Heimskringla or The Chronicle of the Kings of Norway*. Translated by Samuel Laing. Disponível em: <http://omacl.org/Heimskringla/>. Acesso em 14/09/2009.

TACITUS. *De Origine et Situ Germanorum*. Disponível em: <http://www.uah.edu/society/texts/latin/classical/tacitus/germania1.html>. Acesso em: 14/09/2009.

Referências

ALFANO, Christine. The Issue of Feminine Monstrosity: A Reevaluation of Grendel's Mother. In: *Comitatus: A Journal of Medieval and Renaissance Studies*, 23, 1992, p. 1-16. Disponível em: <http://repositories.cdlib.org/cmrs/comitatus/vol23/iss1/art1/>. Acesso em 16/01/2009.

ARENT, Margaret. The Heroic Pattern: Old Germanic Helmets, Beowulf, and Grettis saga. In: POLOME, E. C. (org.). *Old Norse Literature and Mythology*. Austin: University of Texas Press: Ithaca, 1993, p. 130-199.

BALDWIN, Stanley P.; SKILL, Elaine Strong. *Beowulf (Cliffs Notes)*. New York: Hungry Minds, 2000.

BAKER, Peter. *The Beowulf reader: basic readings* (Garland Reference Library of the Humanities, Volume 1431). New York: Garland Publishing, 2000.

- BAUGH, Albert; CABLE, Thomas. *A History of the English Language*. 4^a ed. London: Routledge, 1993.
- BEREND, Nora (org.). *Christianization and the rise of Christian monarchy: Scandinavia, Central Europe and Russia C. 900-1200*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BJORK, Robert E.; NILES, John D. (org.). *A Beowulf handbook*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1997.
- BLACKBURN, F.A. (1897). The Christian coloring in the Beowulf. In: NICHOLSON, Lewis E. (ed.). *An anthology of Beowulf*. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 1963, p. 1-21.
- BORGES, Jorge Luís; VAZQUEZ, Maria Esther. *Literaturas germânicas medievales*. Madrid: Alianza Editorial, 2000.
- CAMPBELL, Joseph. *The hero with a thousand faces*. 3^a ed. Novato, California: New World Library, 2008.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. O paganismo anglo-saxão: uma síntese crítica. In: *Brathair* 4 (1), 2004, p. 19-35. Disponível em: http://brathair.com/revista/numeros/04.01.2004/paganismo_anglo_saxao.pdf. Acesso em 21/07/2010.
- CARLSEN, G. Robert; CARLSEN, Ruth Christoffer (org.). *English literature: a chronological approach*. New York: Webster-MacGraw-Hill, 1985.
- CHADWICK, H. Munro. *Beowulf: Scandinavian Traditions; Personality of the Hero; Origin and Antiquity of the Poem; the Religious Element*. In: WARD, A. W.; WALLER, A. R. (org.). *The Cambridge history of English and American literature*. Volume 1. Disponível em: <http://www.bartleby.com/211/0303.html>. Acesso em 13/08/2009.
- CHAMBERS, R. W. *Beowulf: an introduction to the study of the poem with discussion of the stories of Offa and Finn*. 3^a ed. with a supplement by C. L. Wrenn. Cambridge: Cambridge University Press, 1959.
- CHIN, Beverly Ann et al (org.). *Literature: the reader's choice, British literature*. New York: The McGraw-Hill Companies, 2002.
- CLARK-HALL, J. R. *A Concise Anglo-Saxon dictionary* (MART: The Medieval Academy Reprints for Teaching) Reprinted of the fourth edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin français*. Paris: Hachette, 1934.
- GALVÃO, Ary Gonzalez (trad.). *Beowulf*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- GELLING, Margaret. The landscape of *Beowulf*?. In: LAPIDGE, Michael; GODDEN, Malcolm; KEYNES, Simon (org.) *Anglo-Saxon England* 31. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 7-11.
- GOULD, Kent. 'Beowulf' and folktale morphology: God as magical donor. In: *Folklore* 96 (1), 1985, p. 98-103.
- GRIGSBY, John. *Beowulf & Grendel: the truth behind England's oldest legend*. London: Watkins Publishing, 2005.
- HEANEY, Seamus (trans.). *Beowulf: a new verse translation* (Bilingual Edition). New York: W.W. Northon & Company, 2000.
- HARVEY, Sir Paul. *The Oxford companion to English Literature*. 4^aed. Oxford: Oxford University Press, 1967.
- JACK, G. (ed.). *Beowulf: a student edition*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- LANGER, Johnni. O mito do dragão na Escandinávia (parte três: as sagas e o sistema Nibelingiano). *Brathair* 7 (2), 2007, p. 106-141. Disponível em: <http://brathair.com/revista/numeros/07.02.2007/8.pdf>. Acesso em 21/07/2010.

- LAWSON, Rich. *Christianity in Beowulf*. Disponível em: http://www.shadowedrealm.com/articles/exclusive/christianity_in_beowulf. Acesso em 12/01/2009.
- LINDOW, John. *Norse mythology: a guide to gods, heroes, rituals, and beliefs*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- LIUZZA, R. M. (trans.) *Beowulf: a new verse translation*. Peterborough, Ontario: Broadview Press, 2000.
- McNAMEE, M. B. Beowulf – an allegory of salvation? In: FULK, R. D. (org.). *Interpretations of Beowulf: a critical anthology*. Indiana: Indiana University Press, 1991, p. 88-102.
- NEWTON, Sam. *The origins of Beowulf and the pre-Viking kingdom of East Anglia*. Cambridge: D. S. Brewer, 1994.
- OGILVY, J. D. A.; BAKER, Donald C. *Reading Beowulf*. Norman; Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1983.
- ONIONS, C. T. *The Oxford dictionary of English etymology*. Oxford: Oxford University Press, 1966.
- ORCHARD, Andy. Beowulf and other battles; an introduction to *Beowulf*. In: NORTH, Richard; ALLARD, Joe (org.). *Beowulf & other stories: a new introduction to old English, old Icelandic and Anglo-Norman literatures*. Harlow: Pearson Education, 2007, p. 61-94.
- POOLEY, Robert C. (org.). *England in literature*. Glenview; Illinois: Scott; Foresman and Company, 1968.
- RAMALHO, Erick (trad.). *Beowulf* (edição bilíngüe). Belo Horizonte: Tessitura, 2007.
- SLADE, Benjamin. *Explanatory notes on Beowulf*, 2006. Disponível em: <http://www.heorot.dk/beowulf-rede-text.html>. Acesso em 06/08/2009.
- STAVER, Ruth Johnston. *A companion to Beowulf*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 2005.
- TOLKIEN, J. R. R. Beowulf: the monster and the critics (1936). In: TOLKIEN, J. R. R. *The monsters and the critics and other essays*. Edited by Christopher Tolkien. London: Allen & Unwin, 1983, p. 5-48.
- _____. *The history of Middle Earth*, Volumes 1-12, plus The Silmarillion and Unfinished Tales. London: Allen & Unwin/Unwin Hyman/Harper Collins, 1996.
- _____. *The Lord of the rings* (50th Anniversary, One Vol. Edition). Boston; New York: Mariner Books, Houghton Mifflin Company, 2005.
- WARSH, Lewis. *Beowulf (Barron's Book Notes) - Study Notes*. Woodbury; New York; London; Toronto; Sydney: Barron's Educational Series, 1984.

NOTAS

¹ *Anglo-Saxões*: denominação dada à fusão dos povos germânicos anglos, saxões e jutos que se fixaram no norte e centro da Inglaterra no século V. Entende-se por inglês-saxônico (Old English) a forma inicial do idioma inglês falado e escrito em partes do que são atualmente a Inglaterra e o sudeste da Escócia entre 449, com a conquista das tribos germânicas, e 1066, com a conquista dos normandos. Veja-se a esse respeito Baugh; Cable 1993: 41-71.

² Dentre as obras em inglês-saxônico, *Beowulf* tem sido a mais traduzida para o inglês moderno e contemporâneo; o número de traduções já ultrapassa 60, destacando-se, segundo os críticos, a do poeta irlandês Seamus Heaney (2000), em edição bilíngüe. Já há também em português duas boas traduções, a primeira com introdução e notas de Ary Gonzales Galvão (1992) e a segunda, também com introdução e notas, de Erick Ramalho (2007). Este poema épico serviu como uma das fontes de inspiração para a monumental obra literária contemporânea de J. R. R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis* (1937-1949) bem

como de dois filmes: *Beowulf and Grendel* dirigido por Sturla Gunnarsson (2005) e *A Lenda de Beowulf* dirigido por Robert Zemeckis (2007).

³ *kennings* (do norueguês antigo *kenningar*, singular *kenning*): recurso estilístico que consiste em expressar uma coisa em termos de outra. No poema, há centenas de exemplos dessa imagem poética como essas dos versos 198-200, quando, na corte do rei Hygelac, um guerreiro geta se prepara para socorrer Hrothgar:

æþele ond eacen. Het him yðlidan
godne gegyrwan, cwæð, he guðcýning
ofer swanrade secean wolde,

onde *yðlidan* “cruzador de ondas” se refere ao navio ou barco e *swanrade* “caminho do cisne” é o mar. As *kennings* aparecem também nas sagas islandesas e são também encontradas nas inscrições rúnicas em norueguês antigo. Para compreender as *kennings* era necessário um sólido conhecimento da mitologia.

⁴ *Daneses*: etnônimo do norueguês antigo *Danir* (cf. inglês *Danes* e latim *Dāni*, *-ōrum* “os Danos”), suplantando o inglês antigo *Dene*, como no poema, e ainda presente em *Denmark*. A forma portuguesa mais corrente é *danês* (plural *daneses*), através do francês *danois*. São os ancestrais dos atuais dinamarqueses. A palavra “Dinamarca”, nome atual do país, provém dos elementos *Danes* e *Mark*, isto é, “a marca dos Daneses”.

⁵ *Ingwina*: O elemento “Ing” pode estar associado a Yngvi, outro nome da divindade germânica Frey, conforme a *Ynglinga saga* (capítulo X).

⁶ Para aprofundamento sobre a descrição dos elementos geográficos em *Beowulf*, veja-se Gelling 2002: 7-11.

⁷ *Geatland* (*Götaland* em sueco, literalmente: “Terra dos Getas”). No poema, Geatland é a terra onde o herói Beowulf teria vivido. Atualmente, é uma das três regiões históricas não-oficiais da Suécia. As outras duas são Svealand e Norrland.

⁸ Devido a um provável equívoco do copista, esse Beow que aparece grafado Bewoulf no manuscrito (versos 18 e 53) não é o herói do poema. Esse equívoco foi mantido em muitas traduções, não somente para o inglês moderno, mas também para outras línguas.

⁹ Os costumes pagãos de sepultamento eram bastante diferentes dos rituais Cristãos. Dependendo de sua riqueza e importância social e política, os pagãos escandinavos eram sepultados com os objetos que poderiam necessitar na outra vida. Desse modo, um cidadão comum costumava ser sepultado com sua única faca, ao passo que uma pessoa abastada podia ser sepultada com todos seus artigos de luxo. Sobre os funerais de Scyld, veja-se Newton 1994: 48-50.

¹⁰ Salão de hidromel era um saguão comunitário destinado a banquetes e à ingestão de bebidas, especialmente o hidromel, uma bebida alcoólica feita com água e mel fermentado, muito popular nos países escandinavos durante a Idade Média. O poema descreve dois desses salões: o grande salão de Hrothgar, na Dinamarca, e o de Hygelac, na Geatland. Ambos funcionam como importantes instituições culturais que fornecem luz e calor, alimento e bebida, música e festas. Historicamente, esses salões representavam um refúgio seguro para os guerreiros que retornavam das batalhas; eram também espaços comunitários, onde se preservavam tradições, onde se recompensava a lealdade, e, acima de tudo, onde se contavam histórias de heróis do passado. No poema, há várias referências a esse licor com diferentes grafias: *medo* (v. 604), *medu* (v. 2633); *medoærn* (v. 69), (v. 776), *medubence* (v. 1052), *medobence* (vs. 1067 e 2185) “banco do hidromel”; *medoful* (vv. 624 e 1015); *medoheal* (v. 484), *meoduhealle* (v. 638), *meduseld* (v. 3065) “salão do hidromel”; *medostigge* (v. 924) “passagem para o salão do hidromel”; *medudream* (v. 2016) “ajuntamento festivo para degustação do hidromel”.

¹¹ No original: *scop*. Termo anglo-saxônico para designar “menestrel ou poeta”. O papel dos *scop*s era viajar de corte em corte entretenendo guerreiros e soberanos com histórias de lugares distantes ou sobre eventos históricos reais ou imaginários. Embora criassem suas próprias histórias, muitas vezes memorizavam e floreadam obras de outros. Para facilitar a memorização, utilizavam-se de vários recursos estilísticos dispoñíveis, principalmente a *aliteração* (repetição de sons) e as *kennings*. Veja-se nota 3.

¹² A palavra “mere” no original se refere à morada de Grendel e de sua mãe e pode significar “lago”, “mar” ou ainda “charco”. Essas áreas aquáticas e pantanosas eram, segundo o imaginário popular medieval, frequentemente associadas à moradia de espíritos malignos. Do anglo-saxônico *mere* “mar”, este do antigo alto alemão *mari, meri* (cf. gaulês *Aremorici* “habitantes próximos do mar”, donde *Armorica* Bretanha, latim *mare*, donde os cognatos nas línguas românicas). (Onions 1966: 570).

¹³ *Sigemund e Heremod*: Na mitologia nórdica, Sigmund é um herói que aparece na *Volsunga saga* (“Saga de Voslunga”). Sigmund é mais conhecido como o pai de Sigurd, o matador de dragões. Heremod é um rei lendário dinamarquês.

¹⁴ *Finnsburg*: trata-se de um fragmento de texto, preservado de um manuscrito perdido do século XVIII, que descreve o que aconteceu em Finnsburg anteriormente ao ponto onde o poeta de *Beowulf* retoma a história.

¹⁵ Os guerreiros mantinham suas armaduras e armas junto de si o tempo todo. Faziam parte de seu kit de armamento o capacete, o escudo, a lança e a cota de malha, e, conforme o status, a espada. Note-se como o poeta de *Beowulf* exalta os Getas (vv. 1246-1250):

þrecwudu þrymlíc. Wæs þeaw hyra
þæt hie oft wæron an wig gearwe,
ge æt ham ge on herge, ge gehwæþer þara,
efne swylce mæla swylce hira mandryhtne
þearf gesælde; wæs seo þeod tilu.

[Era costume deles (dos Getas) sempre e em qualquer lugar estarem prontos para a ação, quer em casa quer no campo, em qualquer que fosse o caso e a qualquer que fosse a hora que precisasse seu soberano. Era aquele seu povo benévolo.]

¹⁶ *Hrunting* era a espada mágica cedida a *Beowulf* por *Unferth* como símbolo da superioridade do guerreiro geta. Essa espada que jamais havia falhado *Beowulf* a usou na luta contra a Mãe de *Grendel* (vv. 1455-1458). Ele só consegue levar a cabo sua tarefa quando, milagrosamente, encontra, na caverna subaquática, uma espada mágica de grandes proporções forjada por gigantes. O nome da outra espada de *Beowulf* era *Nægling*, que ele tomou de *Dayraven*, campeão dos Francos e que foi também ineficaz na luta contra o dragão (vv. 2538-2711). Na literatura da Europa medieval há uma rica tradição de espadas com nomes. São alguns exemplos: *Aettartangi* de *Ingimund Thorsteinsson* na *Vatnsdæla Saga*, *Durendal* de *Rolando (La Hanson de Roland)*, poema épico composto no século XI e a mais conhecida de todas *Excalibur* do Rei *Arthur*.

¹⁷ No original:

efne swa of hefene hadre scineð
rodores candel. He æfter recede wlat (vv. 1571-1572)

Percebe-se aqui o motivo escuridão versus luz simbolizando, respectivamente, o lago sinistro e *Hereot*, o mal e o bem, o inferno e o céu etc. A claridade, qualquer que seja sua origem, serve também a um propósito principal: *Beowulf* consegue explorar visualmente a caverna. Entre vários tesouros, seu achado mais valioso é o cadáver de *Grendel* do qual ele decepa a cabeça (Baldwin 2000: 40-41).

¹⁸ Tem-se atribuído a falha de *Hrunting* à mensagem mais ampla do Cristianismo subjacente que prevalece através do poema. Uma das explicações seria devido ao fato de que *Unferth*, o doador da espada, era pagão e somente a substituição por uma lâmina mais poderosa cedida por Deus a *Bewoulf* seria capaz de destruir o mal. Assim sendo, a mensagem do poema seria mais clara para a audiência cristã: somente Deus pode fornecer força suficiente para sobrepujar os inimigos aos quais o poema, em alguma parte, faz ligação com a Bíblia (Gould 1985: 106-108).

¹⁹ Coincidência ou não, há uma série de exemplos na Bíblia da obtenção de troféus, não apenas despojos de guerra, mas as armas e armaduras de um inimigo derrotado (“ Não raro, entre os troféus poderia estar a cabeça de um rei ou guerreiro derrotado. Dois exemplos clássicos são os dos Filisteus que levaram o corpo decapitado juntamente com a armadura do Rei Saul, após um ataque no monte Gelboé e o de Davi e o gigante Golias (I Samuel 31 e 17: 48-51).

²⁰ O túmulo tem uma estrutura de pedra, coberto de terra, no feitio de um cômodo. O tesouro se encontra dentro de uma galeria. Toda a construção é chamada de “a obra dos gigantes”, termo que as tribos germânicas usavam para designar não somente as ruínas da Idade da Pedra, mas também a dos templos romanos existentes no século VIII. Túmulos em cômodos, como o de Beowulf, são também mencionados na *Iliada* e na *Odisseia*. (Galvão 1992: 142).

²¹ *Scyld Scefing*: Scyld em *Beowulf*, como se observa, leva o segundo nome *Scefing* – um nome que pode ser interpretado como “portador de um feixe” (como de trigo, por exemplo, associado à ideia de prosperidade agrícola). Por outro lado, o sufixo “-ing”, tanto no inglês-saxônico quanto nas antigas línguas germânicas, pode também prestar a função semelhante à do elemento “mac” ou “mab” nas línguas célticas, freqüentemente prefixadas a nomes próprios masculinos para indicar patronímicos, significando, pois, “filho de”, como, por exemplo, MacDougall, literalmente: “filho de Dougall” (Grigsby 2005: 65).

²² *Scyldings*: do norueguês antigo *Skjöldung* (plural *Skjöldungar*), membros de uma lendária família real dos Daneses. Veja-se também nota 21.

²³ Todas as citações do poema foram extraídas de Klaeber (2008); já as traduções para o português são de nossa autoria.

²⁴ De etimologia obscura, o nome *Grendel* tem sido interpretado como derivado de *grindan* (“triturar”); ou estar associado ao antigo norueguês *grindill* (“tempestade”) e talvez ao inglês médio *gryndel* (“irado”); ou ainda derivado de *grund* (“fundo, chão”); cf. islandês *grandi* (“banco de areia”) e o baixo-alemão dialetal *grand* (“areia grossa, saibro”). Para detalhes sobre as diversas etimologias propostas para *Grendel*, veja-se Klaeber 2008: 467-68.

²⁵ Na tradição judaica, o dragão simbolizava o poder do mal, hostil a Deus e a seu povo, e que Deus devia destruir nos fins dos tempos. Na Bíblia, o dragão é a representação de satanás: o mal, o inimigo de Deus e dos homens, como em Ezequiel 29:3. No Êxodo 7:9-12 é representado pela imagem da cobra ou serpente. Ainda no Velho Testamento, o dragão é representado pela imagem do Leviatã retratado no Livro de Jó, capítulo 41, assim descrito nos versículos 10 e 11: “Seus espirros relampejam faíscas, e os seus olhos são como arrebóis da aurora./ De suas fauces irrompem tochas acesas e saltam centelhas de fogo.” (*A Bíblia de Jerusalém*, Jó 41:10-11). Já em Isaías (30:6) é representado pela “serpente voadora”. No Novo Testamento, o dragão aparece apenas no Apocalipse de João (capítulo 12), utilizado como símbolo do Diabo e descrito como uma figura “cor de fogo, com sete cabeças e dez chifres”. O dragão alado, como descrito no poema, parece ser mais um componente de influência cristã. Vale aqui lembrar, de passagem, o mito envolvendo São Jorge e o dragão, cuja origem remonta ao século III d. C. No poema éddico *Grímnismál* (“Palavras de Grímnir”), também está escrito que o dragão *Niðhögggr*, ou *Nidhogg*, (literalmente: “devorador de cadáveres”) guarda um dos submundos dos mortos e lá ele devora seus cadáveres; esse mesmo dragão aparece na *Völuspá* (“Profecia das Videntes”), e quando voa resgata os mortos (Lindow 2001:239). Sobre o mito do dragão na Escandinávia da Era Viking e Cristã, veja-se Langer 2007: 106-141. Trata-se de um trabalho fundamental pela segurança da doutrina e clareza da exposição.

²⁶ As tradições nórdicas se referem a uma religião pré-cristã, crenças e lendas dos povos escandinavos, incluindo aqueles que se estabeleceram na Islândia. Os mais antigos exemplos encontram-se em um manuscrito do século XIII, conhecido como *Elder Edda* ou *Poetic Edda* (Edda Poética), preservado na Biblioteca Real de Copenhagen. O poema de abertura do *Elder Edda*, intitulado *Völuspá* (“Profecia da Vidente”), reconta a mitologia nórdica desde a criação do cosmos até sua destruição e renascimento. Embora composto na Islândia, provavelmente no século X, o material é baseado em fontes anteriores da Noruega e possivelmente dos assentamentos nórdicos na Grã-Bretanha (Jack 1997: 12-13). Sobre uma visão detalhada do paganismo germânico, veja-se Cardoso 2004: 19-35.

²⁷ *Ragnarök*: conforme a mitologia nórdica, “a extinção dos deuses e do cosmos no fim do presente mitológico”, de forma semelhante à batalha do Armagedom (em hebraico *Har Meghíd-dóhn*, isto é, *Monte de Megido*) que aparece citada duas vezes no último livro da Bíblia (Apocalipse 16:14,16). A forma variante *Ragnarokkr* (“Crepúsculo dos Deuses”) foi usada por vários autores da Era Viking entre eles Snorri Sturluson, que se tornou conhecida como título da última ópera, *Götterdämmerung*

(“Crepúsculo dos Deuses”), no Ciclo do Anel, de Richard Wagner (1813-1883). Deriva de *rokk* “trevas” ou “crepúsculo”.

²⁸ Note-se que o dia da semana correspondente à quinta-feira nas línguas germânicas é derivado de Thor. Cf. inglês: *Thursday* “dia de Thor”, Alemão: *Donnerstag*, sueco, dinamarquês e norueguês: *torsdag*. Cf. ainda o latim: *dies iovis* “dia de Júpiter”.

²⁹ A *Ynglinga saga* (“Saga dos Ynglings”) é uma saga lendária escrita originalmente em norueguês antigo pelo poeta islandês Snorri Sturluson por volta 1225. Ele se baseou num antigo *Ynglingatal* (poema cortês) atribuído ao poeta norueguês do século IX, Þjóðólfr de Hvinir, e que também aparece na *Historia Norvegiae* (“História da Noruega”) escrita por um monge anônimo. Esta saga narra a história dos antigos reis noruegueses, os *Heimskringla*; relata a mais antiga história da dinastia dos *Ynglings* (os mesmos *Scyflings* de *Beowulf*). A saga descreve também a chegada dos deuses nórdicos à Escandinávia e como Freyr fundou a dinastia de *Yngling* em Uppsala, na atual Suécia.

³⁰ *Translatio S. Liborii*: texto latino do *Translatio corporis sancti Liborii episcopi*. São Libório (348-396) foi o segundo bispo de Le Mans. É o santo padroeiro da catedral e arquidiocese de Paderborn, na Alemanha.

³¹ *Northumbria*: nome que abrange o pequeno reino medieval dos Anglos (atualmente nordeste da Inglaterra e sul da Escócia) e o condado que lhe sucedeu quando um reino unido anglo-saxônico se tornou a Inglaterra.

³² *Scriptoria* (singular *scriptorium*): locais dos mosteiros destinados aos monges copistas que na época medieval escreviam os manuscritos.

³³ *Das Nibelungenlied* (“A Canção dos Nibelungos”, em português) é um poema épico datado da Idade Média (por volta de 1200 d. C.); escrito, sem indicação do autor, no idioma popular da época, o médio-alto-alemão. A canção retrata o Mito dos Nibelungos, cuja origem retoma as heróicas épocas das migrações germânicas.

³⁴ As lendas do *Filho do Urso* são bastante comuns em toda a Europa, e nos falam da ligação de mulheres com ursos, em geral resultando em um filho semidivino, com aspecto predominantemente humano, mas algumas distintas características do pai. *Beowulf* é, sem dúvida, o exemplo mais famoso de um herói da mitologia europeia, associado, de alguma maneira, a essas lendas. *Beowulf*, o herói epônimo da lenda, é uma provável alusão à sua etimologia: *bee-wolf* (do inglês-saxônico *beo wulf*), literalmente: “lobo-abelha”, uma *kenning* que poderia significar “comedor de mel”, referindo-se ao conhecido hábito alimentar desses fissípedes. Para a discussão etimológica de *Beowulf*, veja-se Klæber 2008: 464-64.

³⁵ Saxo Grammaticus (1150-1220): historiador medieval dinamarquês, autor de vários livros sobre a história da Dinamarca, dentre eles *Gesta Danorum* (“Atos dos Daneses”).

³⁶ *Heaðobards* (inglês-saxônico *Heaðubearðan*, antigo baixo alemão *Headubarden* “farpas de guerra”) eram possivelmente um ramo dos Langobardos, que teve um papel muito importante na história da Europa durante o período das migrações bárbaras (conhecido pela expressão alemã *Völkerwanderung*) entre os anos 300 e 900.

³⁷ *Terra-média* (do inglês *Middle Earth*, transliterada como *Midgard*): referência a uma terra imaginária onde ocorrem as principais narrativas de ficção de J. R. R. Tolkien, principalmente em *O Senhor dos Anéis*. A expressão é oriunda do antigo norueguês *Miðgarðr* (literalmente: “recinto central”) e possui cognatos na maioria das línguas germânicas (cf. o inglês saxônico *middangeard*; o inglês médio *middellærð*, *midden-erde*, ou *middel-erde*; o alemão moderno *Mittelerde*).

³⁸ *Ents* (do anglo-saxônico *enta* “seres gigantes”): Em *Beowulf*, esses seres aparecem nos versos 1679, 2717 e 2774. Junto com os magos, cavaleiros, princesas e dragões, os *ents* constituem um dos pilares da fantasia e da mitologia anglo-saxônicas.

³⁹ *Orcs* (do anglo-saxônico *orc* “monstro marinho feroz”): Esses seres aparecem nas línguas germânicas e nos contos medievais de fantasia como criaturas deformadas e fortes, que combatem as forças do bem. No

poema, ocorrem nos versos 112, na forma *orcneas*, 2760 e 3047, na forma *orcas*. Esse conceito foi popularizado por Tolkien no romance *O Senhor dos Anéis*.

⁴⁰ *Whitby*: cidade e mosteiro no distrito de Scarborough, na costa noroeste da Inglaterra. Whitby foi fundada com o nome anglo-saxão de *Streonshal* em 656, quando Oswy, rei cristão de Northumbria, fundou a Abadia de Whitby.